

## ALEXANDRE EULALIO

Jorge Luis Borges  
O CONGRESSO DO MUNDO

[*Prólogo do Autor para a edição Franco Maria Ricci do conto "El Congreso"; rebatizado nessa ocasião como "El Congreso del Mundo" e ilustrado com mapas cosmográficos Tantra.*]

Nas epopéias antigas o êxito final coroa os trabalhos do herói. Aquiles obra a sua vingança, Ulisses volta a Ítaca, os Argonautas logram o velôco e as armas piedosas dos cruzados resgatam o sepulcro de Cristo. Um paladino merece a visão do misterioso Graal; Dante chega ao Empíreo. Agora perdemos a fé. O engenhoso fidalgo Alonso Quijano nunca é de todo o Quixote, ou apenas fugazmente o é. O Capitão Ahab, ao cabo das suas vastas navegações, alcança a Baleia Branca e é aniquilado por ela. Faz muito tempo já que o *happy ending* não é mais do que um artifício comercial ou uma manifesta mentira. Nas ficções de Henry James e de Kafka o malogro é esperado e é o essencial do argumento. Como nas aporias de Zênon, a flexa não alcança jamais o alvo. Somos menos valentes do que nossos pais.

Depois de exemplos tão ilustres tenho alguma vergonha de referir-me às páginas que prologo. A idéia central é a de uma empresa que se dilata até abarcar a história do mundo. A sua execução parece impossível, mas uma compartilhada experiência mística faz com que a derrota se transforme em íntima e secreta vitória. Que o restante diga-o o meu conto. Situei-o no Bairro Sul, aquele que mais quero em Buenos Aires, e nas fronteiras do Brasil e do Uruguai, onde passei uns dias tediosos que agora na lembrança são vívidos; situei-o por volta de 1900, para que a imaginação agisse sem travas. Creio ter procedido bem; certa distância no tempo, certa bruma deliberada, impedem que o leitor se entregue ao frívolo exercício de pesquisar possíveis erros de circunstância. Oscar Wilde, que não envelheceu, pensava que os temas modernos e o estilo moderno devem ser cuidadosamente evitados pelo autor moderno.

Falta-me o hábito de falar sobre a minha obra (chamêmo-la assim). Desde que anoiteceu nos meus olhos, a cegueira tem sido um bom pretexto para não ler o que se escreve sobre mim, favorável ou adversamente. Escrevo um conto para livrar-me dele, para esquecê-lo, e passar a coisas melhores.

Jorge Luis Borges

Buenos Aires, 15 de maio de 1973.

*Ils s'acheminèrent vers un château immense, au frontispice duquel on lisait: 'Je n'appartiens à personne et j'appartiens à tout le monde. Vous y étiez avant que d'y entrer, et vous y serez encore quand vous en sortirez'.*

Diderot: *Jacques le Fataliste et son Maître* (1769).

Buenos Aires, 1955.

O meu nome é Alejandro Ferri. Ecos marciais existem nele, mas nem os metais da glória nem a sombra do grande macedônio — a frase é do autor de *Los Mármoles*, cuja amizade me honrou — parecem-se com o modesto homem cinzento que embasta estas linhas no andar superior de um hotel de Calle Santiago del Estero, num Bairro Sul que já não é o Bairro Sul. A qualquer momento terei completado setenta e tantos anos; continuo ministrando aulas de Inglês a poucos alunos. Por indecisão ou por negligência, ou por outros motivos, não me casei, e agora encontro-me só. Não me dói a solidão; esforço suficiente é tolerar a si mesmo e às próprias manias. Noto que estou envelhecendo; sintoma inequívoco é o fato de que não me interessem ou surpreendam as novidades, talvez porque advirto que nada essencialmente novo existe nelas, e que não passam de tímidas variações. Quando era jovem, atraíam-me os entardeceres, os arrabaldes e a desdita; agora, as manhãs do centro e a serenidade. Já não brinco mais de ser Hamlet. Filiei-me ao Partido Conservador e a um clube de xadrez, que costumo freqüentar como espectador, às vezes distraído. O curioso pode exumar, em alguma escura prateleira da Biblioteca Nacional, em Calle Méjico, um exemplar do meu *Breve exame do idioma analítico de John Wilkins*, obra que exigiria outra edição, quando mais não fora para corrigir ou atenuar os muitos erros. O novo diretor da Biblioteca, dizem-me, é um literato que se consagrou ao estudo das línguas antigas, como se as atuais não fossem suficientemente rudimentares, e à exaltação demagógica de uma imaginária Buenos Aires de valentões. Não quis conhecê-lo nunca. Cheguei a esta cidade em 1899 e uma única vez o acaso me colocou defronte a um valentão ou tipo que tinha fama de tal. Mais adiante, se a ocasião a apresentar, contarei o episódio.

Já disse que estou só; dias passados, um vizinho de quarto, que me havia ouvido falar de Fermín Eguren, disse-me que este havia falecido em Punta del Este. A morte daquele homem, que certamente não foi nunca meu amigo, obstinou-se a me entristecer. Sei que estou só; sou na terra o único guardião

daquele acontecimento, o Congresso, cuja memória não poderei compartilhar. Sou agora o último congressista. É verdade que todos os homens o são, que não existe um só homem no planeta que não o seja, porém eu o sou de outro modo. Sei que o sou; isto me torna diverso dos meus inumeráveis colegas, atuais e futuros. É verdade que no dia 7 de fevereiro de 1904 juramos pelo mais sagrado não revelar — haverá sobre a terra algo sagrado ou algo que não o seja? — a história do Congresso, mas não menos certo é que o fato de ser eu agora um perjuro faça também parte do Congresso. Esta declaração é obscura, mas pode acender a curiosidade dos meus eventuais leitores.

De qualquer modo, a tarefa que me impus não é fácil. Não acometi nunca, nem sequer na espécie epistolar, o gênero narrativo, e (o que sem dúvida é bastante mais grave) a história que registrarei é inacreditável. A pena de José Fernández Irala, o imerecidamente esquecido poeta de *Los Mármoles*, seria aquela predestinada, porém já é tarde. Não falsearei deliberadamente os fatos, porém pressinto que o embaraço e inabilidade hão de me obrigar, mais de uma vez, ao erro.

As precisas datas não importam. Recordemos que vim de Santa Fe, minha província natal, em 1899. Não voltei nunca; acostumei-me a Buenos Aires, cidade que não me atrai, como quem se acostuma ao próprio corpo ou a um velho aчаque. Prevejo, sem maior interesse, que logo hei de morrer; devo, por conseguinte, sujeitar o meu hábito digressivo e adiantar um pouco a narração.

Não modificam os anos a nossa essência, se é que alguma possuímos; o impulso que me levaria, uma noite, ao Congresso do Mundo, foi o que me trouxe, inicialmente, à redação de *Última Hora*. Para um pobre rapaz provinciano, ser jornalista pode parecer um destino romântico, assim como um pobre rapaz da capital pode imaginar que é romântico o destino de um gaúcho ou de um peão no campo. Não me envergonho de ter querido ser jornalista, rotina que agora me parece trivial. Lembro-me haver ouvido dizer a Fernández Irala, meu colega, que o jornalista escreve para o esquecimento e que o anelo dele era escrever para a memória e o tempo. Já havia cinzelado (o verbo era de uso comum) alguns dos sonetos perfeitos que apareceriam depois, com um que outro ligeiro retoque, nas páginas de *Los Mármoles*.

Não posso precisar a primeira vez que ouvi falar do Congresso. Quiçá foi naquela tarde em que o contador pagou meu ordenado mensal e eu, para celebrar essa prova que Buenos Aires me havia aceitado, propus a Irala que jantás-

semos juntos. Este desculpou-se alegando não poder faltar ao Congresso. Imediatamente entendi que não se referia ao vaidoso edifício com uma cúpula que fica ao fundo de uma avenida povoada de espanhóis, mas a algo mais secreto e mais importante. As pessoas falavam do Congresso, alguns com aberta dissimulação, outros baixando a voz, outros com alarme e curiosidade; todos, creio, com ignorância. Ao cabo de uns sábados, Irala me convidou para acompanhá-lo. Já havia cumprido, confiou-me, os trâmites necessários.

Seriam nove ou dez da noite. No bonde me disse que as reuniões preliminares tinham lugar aos sábados e que Don Alejandro Glencoe, talvez movido pelo meu nome, já havia dado o assentimento. Entramos na *Confitería del Gas*. Os congressistas, que seriam quinze ou vinte, rodeavam uma mesa comprida; não sei se havia estrado ou se é a memória que o agrega. Reconheci no ato ao presidente, que não havia visto nunca. Don Alejandro era um senhor de ar digno, já entrado em anos, com a frente despejada, os olhos cinza e uma canosa barba avermelhada. Sempre o vi de sobrecasaca escura; costumava apoiar na bengala as mãos cruzadas. Era robusto e alto. À sua esquerda havia um homem muito mais jovem, também de cabelo ruivo; a cor violenta deste sugeria o fogo, a da barba do Senhor Glencoe as folhas do outono. À direita havia um rapaz de cara comprida e fronte singularmente baixa, trajando como um *dandy*. Todos haviam pedido café e, um que outro, absinto. Aquilo que primeiro me despertou a atenção foi a presença de uma mulher, sozinha entre tantos homens. Na outra ponta da mesa havia um menino de dez anos, vestido à marinheira, que não tardou a adormecer. Havia também um pastor protestante, dois inequívocos judeus e um negro com lenço de seda e roupa muito justa à moda dos *compadritos* das esquinas. Diante do negro e do menino havia duas chávenas com chocolate. Não me lembro dos outros, salvo de um Senhor Marcelo del Mazo, homem de suma cortesia e fino diálogo, a quem não voltei a ver mais. Conservo uma imprecisa e deficiente fotografia de uma das reuniões, que não publicarei, porque a indumentária da época, as melenas e os bigodes dariam um ar burlesco e até indigente que falsearia a cena.

Todos os agrupamentos tendem a criar o seu dialeto e os seus ritos; o Congresso, que sempre teve para mim algo de sonho, parecia querer que os congressistas fossem descobrindo sem pressa o fim que buscava e até os nomes e sobrenomes dos diversos colegas. Não tardei a compreender que a minha obrigação era não fazer perguntas e me abster de interrogar a Fernández Irala, que

tampouco me disse nada. Não faltei um único sábado, mas passaram-se um ou dois meses antes que eu entendesse. Desde a segunda sessão, o meu vizinho foi Donald Wren, um engenheiro do *Ferrocarril Sur*, que me daria lições de Inglês.

Don Alejandro falava muito pouco; os outros não se dirigiam a ele, porém senti que falavam para ele e procuravam a sua aprovação. Bastava um ademane da lenta mão para que o tema do debate mudasse. Fui descobrindo pouco a pouco que o avermelhado homem da esquerda tinha o curioso nome de Twirl. Recordo o ar frágil dele, que é atributo de certas pessoas muito altas, como se a estatura provocasse neles vertigem e os fizesse abobadarem-se. As mãos dele, recordo-me, costumavam brincar com uma bússola de cobre, que por momentos deixava sobre a mesa. Em fins de 1914 morreu como soldado de Infantaria num regimento irlandês. Aquele que sempre ocupava a direita era o jovem de frente baixa, Fermín Eguren, sobrinho do presidente. Descreio nos métodos do Realismo, gênero artificial a mais não poder; prefiro revelar de uma boa vez o que compreendi gradualmente. Antes, quero recordar ao leitor a minha situação nessa época; eu era um pobre rapaz de Casilda, filho de sitiantes, que havia chegado a Buenos Aires e que de repente me encontrava (assim o senti) no íntimo centro de Buenos Aires e talvez, quem sabe, do mundo. Meio século passou e continuo sentindo aquele deslumbramento inicial, que certamente não foi o último.

Eis aqui os fatos; narrá-los-ei com toda a brevidade. Don Alejandro Glencoe, o presidente, era um estancieiro uruguaio, dono de um estabelecimento de campo que lindava com o Brasil. O pai, oriundo de Aberdeen, havia-se fixado neste continente em meados do século anterior. Trouxe consigo uns cem livros, os únicos, atrevo-me a dizer, que Don Alejandro leu no decurso da vida. (Falo desses livros heterogêneos que tive em mãos, porque, num deles, está a raiz da minha história.) O primeiro Glencoe, ao morrer, deixou uma filha e um filho, que seria depois o nosso presidente. A filha se casou com um Eguren e foi a mãe de Fermín. Don Alejandro aspirou alguma vez a ser deputado, mas os chefes políticos fecharam-lhe a porta do Congresso do Uruguai. O homem exasperou-se e resolveu fundar outro Congresso, de mais vastos alcances. Recordou haver lido em uma das vulcânicas páginas de Carlyle o destino daquele Anacharsis Cloots, devoto da Deusa Razão, que, à frente de trinta e seis estrangeiros, falou como “orador do gênero humano” ante uma assembléia em Paris. Movido pelo seu exemplo, Don Alejandro concebeu o propósito de organizar um Con-

gresso do Mundo que representasse a todos os homens de todas as nações. O centro das reuniões preliminares era a *Confitería del Gas*; o ato de abertura, para o qual se havia previsto o prazo de quatro anos, teria a sua sede na propriedade de Don Alejandro. Este, como tantos uruguaiois, não era partidário de Artigas, gostava de Buenos Aires, mas havia resolvido que o Congresso se reunisse na pátria dele. Curiosamente, o prazo original cumprir-se-ia com precisão quase mágica.

A princípio recebíamos a nossa retribuição, que não era inconsistente, mas o fervor que em todos nós ardia fez que Fernández Irala, tão pobre como eu, renunciasse à sua; o mesmo fizemos os outros. Essa medida foi benéfica, já que serviu para separar o joio do trigo; o número de congressistas diminuiu, só ficamos os fiéis. O único cargo estipendiado tornou-se o da secretária, Nora Erfjord, que carecia de outros meios de vida e cuja tarefa era opressiva. Organizar uma entidade que abarca o planeta não é empresa fútil. Cartas iam e vinham e assim os telegramas. Chegavam adesões do Peru, da Dinamarca, do Indostão. Um boliviano assinalou que a sua pátria carecia de todo acesso ao mar e que essa lamentável carência deveria ser o tema de um dos primeiros debates.

Twirl, cuja inteligência era lúcida, observou que o Congresso pressupunha um problema de índole filosófica. Planejar uma assembléia que representasse a todos os homens era como fixar o número exato dos arquétipos platônicos, enigma que atarefou durante séculos a perplexidade dos pensadores. Sugeriu que, sem ir mais longe, Don Alejandro Glencoe podia representar os proprietários, mas também aos uruguaiois e também aos grandes precursores e também aos homens de barba ruiva e àqueles que estão sentados numa cadeira de braços. Nora Erfjord era norueguesa. Representava as secretárias, as norueguesas ou simplesmente a todas as mulheres formosas? Bastava um engenheiro a fim de representar todos os engenheiros, inclusive os da Nova Zelândia?

Foi então, creio, que Fermín interveio:

— Ferri está representando os gringos —, disse, com uma gargalhada.

Don Alejandro olhou-o com severidade e falou sem pressa:

— O Senhor Ferri representa os imigrantes, cujo labor está levantando o nosso país.

Nunca Fermín pôde me ver. Exercia diversas soberbas: a de ser uruguaio, a de ser de velha família, a de atrair todas as mulheres, a de ter escolhido um alfaiate caro e (nunca saberei porque) a da sua estirpe basca, gente que, à margem

da História, outro não fez senão ordenhar vacas.

Um incidente dos mais triviais selou as nossas inimizades. Depois de uma sessão Eguren propôs que fôssemos a Calle Junín. O projeto não me atraía, mas aceitei para não me expor às burlas dele. Fomos com Fernández Irala. Ao sairmos da casa, cruzamo-nos com um homem grandote. Eguren, que estaria um pouco bebido, deu-lhe um empurrão. O outro nos fechou o caminho, dizendo:

– Aquele que quiser sair vai ter que passar por este punhal.

Recordo o brilho do aço na obscuridade do alpendre. Levei a mão à cava como para sacar uma arma, e disse com voz firme:

– Isso vamos acertar na rua.

O desconhecido me respondeu, já com outra voz:

– Gosto de homens assim. Queria era por-lhe à prova, amigo.

– ‘Amigo’ corre por sua conta – repliquei-lhe, e saímos.

O homem do punhal entrou no prostíbulo. Disseram-me depois que se chamava Tapia ou Paredes ou algo pelo estilo, e que tinha fama de pendenciador. Já na calçada, Irala que se havia mantido sereno, bateu-me nas costas e declarou com ênfase:

– Entre os três havia um mosqueteiro. Salve, D’Artagnan!

Fermín Eguren nunca me perdoou de eu ter sido testemunha da sua fraquejada.

Sinto que agora, e somente agora, começa a história. As páginas já escritas não registraram mais do que as condições que o acaso ou o destino requeria para que tivesse lugar o acontecimento incrível, talvez o único de toda a minha vida. Don Alejandro Glencoe era sempre o centro da trama, mas gradualmente sentimos, não sem algum assombro e alarme, que o verdadeiro presidente era Twirl. Esta singular personagem de bigode refulgente adulava a Glencoe e também a Fermín Eguren, mas de um modo tão exagerado que poderia passar por uma burla e não comprometia a dignidade dele. Glencoe tinha a soberba da vasta fortuna; Twirl adivinhou que, para impor-lhe um projeto, bastava sugerir-lhe que o custo era demasiado oneroso. A princípio o Congresso não havia sido mais, suponho, do que um vago nome; Twirl propunha contínuas ampliações, que Don Alejandro sempre aceitava. Era como estar no centro de um círculo crescente, que aumenta sem fim, distanciando-se. Declarou, por exemplo, que o Congresso não podia prescindir de uma biblioteca de livros de consulta; Nierenstein, que trabalhava numa livraria, foi conseguindo-nos os atlas de

Justus Perthes e diversas e extensas enciclopédias, desde a *Historia Naturalis* de Plínio e o *Speculum* de Beauvais, até os gratos labirintos (releio estas palavras com a voz de Fernández Irala) dos ilustres enciclopedistas franceses, da *Britannica*, de Pierre Larousse, de Brockhaus, de Larsen e de Montaner y Simón. Recordo haver acariciado com reverência os sedosos volumes de certa enciclopédia chinesa, cujos bem pincelados caracteres pareceram-me mais misteriosos do que as manchas da pele de um leopardo. Não direi ainda o fim que tiveram e que por certo não lamento.

Don Alejandro havia tomado amizade a Fernández Irala e a mim, talvez por sermos os únicos que não tratavam de o lisonjear. Convidou-nos para passar uns dias na Estância La Caledonia, onde já estavam trabalhando os peões pedreiros.

Ao fim de longa navegação rio acima, e de uma travessia de balsa, pisamos a outra banda, um amanhecer. Depois tivemos que passar a noite em tavernas indigentes e abrir e fechar muitas porteiros na Coxilha Negra. Íamos numa carreta; o campo pareceu-me maior e mais só do que no sítio onde nasci. Conservo ainda as minhas duas imagens da Estância: aquela que eu havia previsto e aquela que os meus olhos viram por fim. Absurdamente, eu me havia figurado, como em sonho, uma combinação impossível da planície santafesina com o Palácio das Águas Correntes. La Caledonia era uma casa vasta, de adobe, com teto de palha de duas águas e alpendre de tijolo. Pareceu-me construída para o rigor e o longo tempo. Quase uma vara de espessor tinham as paredes toscas e as portas eram estreitas. A ninguém havia ocorrido plantar uma árvore. O primeiro sol e o último nela batiam. Os currais eram de pedra; o gado, numeroso, magro, com grandes guampas; as colas remoinhantes dos cavalos chegavam até o chão. Pela primeira vez conheci o sabor de uma rez recém-carneada. Trouxeram umas sacas com biscoitos: o capataz me disse, dias depois, que nunca havia provado pão na vida. Irala perguntou onde ficava o banheiro; Don Alejandro, com vasto ademane, mostrou-lhe o continente. A noite era de lua; saí para dar uma volta e o surpreendi, vigiado por uma seriema. O calor, que não havia mitigado a noite, era insuportável e todos encareciam o fresco. As peças eram baixas e muitas e me pareceram desmanteladas; destinaram-nos uma que dava para o Sul, na qual havia dois catres e uma cômoda com bacia e jarra, de prata. O piso era de terra.

No dia seguinte dei com a biblioteca e com os volumes de Carlyle, e procu-

rei as páginas consagradas ao orador do gênero humano, Anacharsis Cloots, que me havia conduzido àquela manhã e àquela soledade. Depois do desjejum, idêntico à janta, Don Alejandro nos mostrou os trabalhos. Fizemos uma légua a cavalo, entre os descampados. Irala, cuja equitação era temerosa, sofreu um percalce; o capataz, sem um sorriso, observou:

— O portenho sabe apear-se muito bem.

Desde longe vimos a obra. Uma vintena de homens havia erigido uma sorte de anfiteatro despedaçado. Recordo uns andaimes e uns engradados que deixavam entrever espaços de céu.

Mais de uma vez tratei de conversar com os gáuchos, porém o meu empenho fracassou. De algum modo sabiam ser diferentes. Para entenderem-se, usavam entre eles um gangoso espanhol abrasileirado. Sem dúvida pelas veias deles corriam sangue índio e sangue negro. Eram fortes e baixos; em La Caledonia eu era um homem alto, coisa que não me havia sucedido até então. Quase todos usavam chiripá; um que outro, bombachas. Pouco ou nada tinham com as sofridas personagens de Hernández e Rafael Obligado. Debaixo do influxo do álcool dos sábados eram facilmente violentos. Não havia uma só mulher e jamais ouvi uma guitarra.

Mais que os homens dessa fronteira me interessou a mudança total que se havia operado em Don Alejandro. Em Buenos Aires, era um senhor afável e comedido; em La Caledonia o severo chefe de um clã, como os seus maiores. Aos domingos pela manhã lia a Sagrada Escritura aos peões, que não entendiam uma única palavra. Uma noite o capataz, homem ainda jovem, que havia herdado o cargo do pai, avisou-nos que um agregado e um peão haviam-se travado a punhaladas. Don Alejandro levantou-se sem maior pressa. Chegou à roda, tirou a arma que continuava a trazer, entregou-a ao capataz, que me pareceu acovardado, e abriu caminho entre os ferros. Ouvi em seguida a ordem:

— Soltem as facas, rapazes.

Com a mesma voz tranqüila, acrescentou:

— Agora se dêem as mãos e se portem bem. Não quero barulhos aqui.

Os dois obedeceram. No outro dia soube que Don Alejandro havia despedido o capataz.

Senti que a solidão me cercava. Temi não voltar nunca a Buenos Aires. Não sei se Fernández Irala compartilhou esse temor, mas falávamos muito da Argentina e daquilo que faríamos ao regresso. Sentia falta dos leões de um

portal de Calle Jujuy, perto de Plaza del Onze, ou da luz de determinado armazém de imprecisa topografia, não dos lugares habituais. Sempre fui bom de sela; habituei-me a sair a cavalo e percorrer longas distâncias. Ainda me lembro daquele cavalo negro com estrela na testa que eu costumava arrear e que já terá morrido. Talvez alguma tarde ou alguma noite tenha estado no Brasil, pois a fronteira não era outra coisa senão uma linha traçada por moirões.

Havia aprendido a não contar os dias quando ao fim de um dia igual aos outros Don Alejandro nos advertiu:

— Agora vamos nos deitar. Amanhã saímos com a fresca.

Já rio abaixo senti-me tão feliz que pude pensar com carinho em La Caledonia.

Retornamos à reunião dos sábados. Na primeira Twirl pediu a palavra. Disse, com as habituais flores retóricas, que a biblioteca do Congresso do Mundo não se podia reduzir a livros de consulta e que as obras clássicas de todas as nações eram o verdadeiro testemunho que não podíamos ignorar sem perigo. A proposta foi aprovada no ato; Fernández Irala e o Doutor Cruz, que era professor de Latim, aceitaram a missão de escolher os textos necessários. Twirl já havia falado do assunto com Nierenstein.

Naquele tempo não havia um único argentino cuja utopia não fosse a cidade de Paris. Quiçá o mais impaciente de nós fosse Fermín Eguren, seguia-o Fernández Irala por motivos assaz diversos. Para o poeta de *Los Mármoles* Paris era Verlaine e Leconte de Lisle; para Eguren, uma continuação aperfeiçoada de Calle Junín. Havia-se entendido, suspeito, com Twirl. Este, em outra reunião discutiu o idioma que utilizariam os congressistas e a conveniência de que os delegados fossem a Londres e a Paris documentarem-se. Para fingir imparcialidade, propôs primeiro o meu nome, e, após ligeira vacilação, o de seu amigo Eguren. Don Alejandro, como sempre, assentiu.

Creio haver escrito que Wren, em troca de umas aulas de Italiano, me havia iniciado no estudo do infinito idioma inglês. Prescindiu, no possível, da gramática e das orações fabricadas para a aprendizagem e entramos diretamente na poesia, cujas formas exigem a brevidade. O meu primeiro contacto com a linguagem que povoaria a minha vida foi o valoroso *Requiem* de Stevenson; depois vieram as baladas que Percy revelou ao decoroso Século Dezoito. Pouco antes de partir para Londres conheci o deslumbramento de Swinburne, que me levou a duvidar, como quem comete uma culpa, da eminência dos alexandrinos de Irala.

Arribei a Londres em princípios de janeiro de novecentos e dois; recorde a carícia da neve, que eu nunca havia visto, e que agradei. Felizmente não me tocou viajar com Eguren. Hospedei-me numa pensão módica atrás do Museu Britânico, cuja biblioteca freqüentava de manhã e de tarde, em busca de um idioma que fôra digno do Congresso do Mundo. Não descuidei das línguas universais; assomei-me ao Esperanto – que o *Lunario Sentimental* qualifica de “equitativo, simples e econômico” – e ao Volapuk, que deseja explorar todas as possibilidades lingüísticas, declinando os verbos e conjugando os substantivos. Considerei os argumentos pró e contra o ressuscitar do Latim, cuja nostalgia não cessou de perdurar ao final dos séculos. Demorei-me igualmente no exame do idioma analítico de John Wilkins, onde a definição de cada palavra está nas letras que a formam. Foi debaixo da alta cúpola da sala que conheci Beatriz.

Esta é a história geral do Congresso do Mundo, não a de Alejandro Ferri, a minha, mas a primeira abarca a última, como todas as outras. Beatriz era alta, esbelta, de traços puros e uma cabeleira vermelha que poderia ter-me recordado, mas não o fez nunca, a do oblíquo Twirl. Não havia completado vinte anos. Deixara um dos condados do Norte para ser aluna de Letras na Universidade. A sua origem, como a minha, era humilde. Ser de cepa italiana em Buenos Aires era ainda deslustroso; em Londres descobri que para muitos era um atributo romântico. Poucas tardes tardamos para sermos amantes; pedi-lhe que se casasse comigo, mas Beatriz Frost, como Nora Erfjord, era devota da fé predicada por Ibsen e não queria atar-se a ninguém. Da sua boca nasceu a palavra que eu não me atrevia dizer. Oh noites, oh compartilhada e tépida escuridão, oh amor que flui na sombra como um rio secreto, oh aquele momento do destino em que cada um é os dois, oh a inocência e o candor da dita, oh a união na qual nos perdíamos para perdermo-nos logo no sono, oh as primeiras claridades do dia e eu a contemplá-la.

Na áspera fronteira do Brasil havia-me acochado a nostalgia; não assim no encarnado labirinto de Londres, que me deu tantas coisas. Apesar dos pretextos que urdi para demorar a partida, tive que regressar no fim do ano; celebramos juntos o Natal. Prometi-lhe que Don Alejandro havia de convidá-la a tomar parte no Congresso; replicou-me de modo vago, que lhe interessaria visitar o hemisfério austral e que um primo seu, dentista, havia-se radicado na Tasmânia.

Beatriz não quis ver o navio; a despedida, no seu entender, era uma ênfase, uma insensata festa da desdita, e ela detestava as ênfases. Dissemo-nos adeus na biblioteca onde nos conhecemos num outro inverno. Sou um homem covarde; não lhe deixei endereço a fim de eludir a angústia de esperar cartas.

Tenho notado que as viagens de volta duram menos que as de ida, mas a travessia do Atlântico, pesada de recordações e desalentos, me pareceu muito longa. Nada me doía tanto como pensar que, paralelamente à minha vida, Beatriz iria vivendo a sua, minuto por minuto e noite por noite. Escrevi uma carta de muitas páginas, que rasguei ao zarpar de Montevidéu. Arribei à pátria numa quinta-feira; Irala me esperava no cais. Voltei ao meu antigo alojamento de Calle Chile; aquele dia e o outro passamos falando e caminhando. Eu queria recobrar Buenos Aires. Foi um alívio saber que Fermín Eguren continuava em Paris; o fato de haver regressado antes dele atenuaria de algum modo a minha longa ausência.

Irala estava descorçoado. Fermín dilapidava na Europa somas despropositadas e havia mais de uma vez desacatado a ordem de voltar imediatamente. Isto era previsível. Mais me inquietaram outras notícias; Twirl, pese à oposição de Irala e de Cruz, havia invocado Plínio o Jovem, segundo o qual não existe livro tão mau que algo não encerre de bom, e havia proposto a compra indiscriminada de coleções de *La Prensa*, de tres mil e quatrocentos exemplares de *Dom Quixote*, em formatos diversos, do epistolário de Balmes, de teses universitárias, de relatórios, de boletins e programas de teatro. Tudo é testemunho, havia dito. Nierenstein aprovou-o; Don Alejandro, “ao cabo de três sábados sonoros”, aprovou a moção. Nora Erfjord havia renunciado ao cargo de secretária; substituí-a um sócio novo, Karlinski, que era um instrumento de Twirl. Os desmedidos pacotes iam-se empilhando agora sem catálogo nem fichário, nos cômodos dos fundos e na adega da vasta casa de Don Alejandro. Em princípios de julho Irala havia passado uma semana em La Caledonia; os pedreiros tinham interrompido o trabalho. O capataz, interrogado, explicou que assim havia disposto o patrão, e que aquilo que está sobrando ao tempo são dias.

Em Londres eu havia redigido um informe que não é o caso de recordar; sexta-feira fui cumprimentar Don Alejandro e entregar-lhe o meu texto. Acompanhou-me Fernández Irala. Era a hora da tarde e na casa entrava o vento pampeiro. Diante do portão de Calle Alsina esperava um carro com tres cavalos. Lembro-me de homens curvados que iam descarregando os fardos no últi-

mo pátio. Twirl, imperioso, dava-lhes ordens. Aí estavam também, como se pressentissem algo, Nora Erfjord e Nierenstein e Cruz e Donald Wren e um ou dois congressistas mais. Nora me abraçou e me beijou e aquele abraço e aquele beijo me recordaram outro. O negro, bonachão e feliz, beijou-me a mão.

Em um dos quartos estava aberta a quadrada armadilha do porão; uns degraus cheios de material empilhado perdiam-se na sombra.

Bruscamente ouvimos passos. Antes de vê-lo soube que era Don Alejandro aquele que entrava. Quase como corresse, chegou.

A voz dele estava diferente; não era a do pausado senhor que presidia aos nossos sábados, nem a do estancieiro feudal, que proibia um duelo a faca e predicava aos seus gáuchos a palavra de Deus, mas se parecia mais com a última.

Sem olhar ninguém, ordenou:

– Vão tirando tudo amontoado aí em baixo. Que não fique um livro no porão.

A tarefa durou quase uma hora. Acumulamos no pátio de terra uma pilha mais alta que os mais altos. Todos íamos e vínhamos; o único que não se moveu foi Don Alejandro.

Depois veio a ordem:

– Agora toquem fogo nesses pacotes.

Twirl estava muito pálido. Nierenstein conseguiu murmurar:

– O Congresso do Mundo não pode prescindir desses auxiliares preciosos, que colecionei com tanto amor.

– O Congresso do Mundo? – disse Don Alejandro. Riu-se com sorna, e eu nunca o havia visto rir.

Existe um misterioso prazer na destruição; as chamas crepitaram resplandescentes e os homens nos agrupamos junto às paredes ou nos diversos quartos. Noite, cinza e chamusco permaneceram no pátio. Lembro-me de algumas folhas perdidas que se salvaram, brancas sobre a terra. Nora Erfjord, que professava por Don Alejandro esse amor que as mulheres jovens costumam professar pelos homens velhos, disse sem entender:

– Don Alejandro sabe o que faz.

Irala, fiel à Literatura, tentou uma frase:

– Cada tantos séculos é necessário queimar a Biblioteca de Alexandria.

Logo nos chegou a revelação.

– Quatro anos tardei para compreender o que lhes digo agora. A empresa

que acometemos é tão vasta que abarca – agora o sei – o mundo inteiro; não uns quantos charlatães que desatinem nos galpões de uma estância perdida. O Congresso do Mundo começou com o primeiro instante do mundo e prosseguirá quando formos pó. Não existe lugar em que não esteja. O Congresso é os livros que acabamos de queimar. O Congresso é os caledônios que derrotaram as legiões de César. O Congresso é Jó no monturo e Cristo na cruz. O Congresso é aquele rapaz inútil que malgasta minha fazenda com rameiras.

Não pude conter-me e o interrompi:

– Don Alejandro, eu também sou culpado. Eu havia concluído o informe que aqui lhe trago e continuava demorando-me na Inglaterra e sugando o seu dinheiro pelo amor de uma mulher.

Don Alejandro continuou:

– Já o imaginava, Ferri. O Congresso é meus touros. O Congresso é os touros que vendi e as léguas de campo que já não são minhas.

Uma voz consternada elevou-se. Era a de Twirl.

– Não nos vá dizer que vendeu La Caledonia? !

Don Alejandro respondeu sem pressa:

– Sim, vendi-a. Não me resta um palmo de terra, porém a minha ruína não me dói porque agora entendo. Talvez não nos vejamos mais, porque o Congresso não precisa de nós, porém esta última noite sairemos todos para olhar o Congresso.

Estava ébrio de vitória. Inundaram-nos a sua firmeza e a sua fé. Ninguém, nem por um segundo, pensou que estivesse louco.

Na praça tomamos um carro aberto. Eu me acomodei na boléia, junto ao cocheiro, e Don Alejandro ordenou:

– Mestre, vamos visitar a cidade. Leve-nos aonde quiser.

O negro, encarapitado num estribo, não cessava de sorrir. Nunca soube se entendeu algo.

As palavras são símbolos que postulam uma memória compartilhada. Aquela que agora quero historiar é minha apenas; aqueles que a compartilharam estão mortos. Os místicos invocam uma rosa, um beijo, um pássaro, um sol que é todas as estrelas e o sol, um cântaro de vinho, um jardim ou o ato sexual. Dessas metáforas nenhuma me serve para essa longa noite de júbilo que nos deixou cansados e felizes nas lindeiras da aurora. Quase não falamos, enquanto as rodas e os cascos retumbavam sobre as pedras. Antes da madrugada, junto de uma

água escura e humilde que seria talvez o Maldonado ou talvez o Riachuelo, a alta voz de Nora Erfjord entoou a balada de Patrick Spens e Don Alejandro fez coro num e noutra verso, com voz baixa e desafinadamente. As palavras inglesas não me trouxeram a imagem de Beatriz. Atrás de mim Twirl murmurou:

– Quis fazer o mal e fiz o bem.

Algo daquilo que entrevimos perdura – o avermelhado paredão da Recoleta, o paredão amarelo do cárcere, um par de homens dançando numa esquina sem chanfradura, um átrio axadrezado com uma grade; as barreiras do trem, a minha casa, o mercado, a insondável e úmida noite – mas nenhuma dessas coisas fugazes, que talvez fossem outras, importa. Importa haver sentido que o nosso plano, do qual mais de uma vez zombamos, existia realmente e secretamente e era o universo e nós mesmos. Sem maior esperança, busquei ao longo dos anos o sabor dessa noite; alguma vez acreditei recuperá-la na música, no amor, na incerta memória, porém não voltou, salvo uma só madrugada, num sonho. Quando juramos não dizer nada a ninguém já era a manhã do sábado.

Não voltei a vê-los mais, salvo Irala. Não comentamos nunca a história; qualquer palavra nossa teria sido uma profanação. Em 1914, Don Alejandro Glencoe morreu e foi sepultado em Montevideu. Irala já havia morrido no ano anterior. Com Nierenstein cruzei-me uma vez em Calle Lima e fingimos não haver-nos visto.